

ODINEPA E MEJUCO

DOIS NOMES PARA A NOSSA HISTÓRIA



As Aldeias Comuns de ODINEPA e MEJUCO estão a ser construídas no Distrito de Erati, um dos 18 distritos da Província de Nampula. A sede desse distrito é a pequena vila de Namapa que fica a cerca de 250 quilómetros da capital provincial.

O Distrito do Erati é uma das zonas mais povoadas do nosso país. Com uma grande extensão territorial tem uma população de mais de 400 mil pessoas o que corresponde a toda a população da Província do Niassa. Muito extensa e muito povoada é, todavia,

uma zona de extrema pobreza onde se pode ver pessoas semi-nuas, mulheres de sala e soutien (ou apenas de sala) homens com calções rotos ou tanga feita de capulana.

Foi esta população de baixíssimo nível de vida que deu um dos exemplos de mobilização que serviu de exemplo a todas as localidades dos distritos da Província de Nampula. Foi esta população que deu, ao dizer do Vice-Presidente da FRELIMO quando visitou o Erati, um exemplo a todo o país.

**CO
TÓRIA**



ALDEIAS COMUNAIS NA PROVÍNCIA DE NAMPULA (2)

PELOS NOSSOS ENVIADOS ESPECIAIS

A Aldeia Comunal de ODINEPA vai ser erguida junto às margens do Rio Lúrio, uma das maiores correntes fluviais do nosso país e que separa a Província de Nampula da Província de Cabo Delgado. Os camponeses inscritos naquela aldeia, apesar de terem começado muito tarde a preparação do terreno e a sementeira de algodão, obtiveram resultados espectaculares na última campanha. Fizaram a destronca do terreno, com auxílio de uma

máquina «Caterpillar» dos Serviços de Agricultura, em Dezembro de 1976 e plantaram o algodão em Janeiro, portanto com um ou dois meses de atraso. Mesmo assim, feitas as vendas puderam pagar o aluguer do tractor cujo contrato é feito à hora, puderam pagar o combustível (porque se é verdade que a máquina é alugada também é verdade que os Serviços de Agricultura não se responsabilizam pelo diesel consumido). A colheita de algodão

e girassol permitiu a liquidação de todas as despesas e sobraram ainda 388 128\$50. Esta quantia foi depositada num banco em nome da Aldeia de ODINEPA tendo aberto a conta três camponeses responsáveis da comunidade sob orientação do Governador da Província e do Administrador do Distrito.

Visitámos a machamba da aldeia. Para a próxima campanha vimos a preparação de 150 hectares de terreno onde se semeará algodão e girassol. Os camponeses não querem fazer cultivo de milho na machamba colectiva porque a cotação do milho no mercado é muito baixa. Eles optaram pelo algodão e pelo girassol por serem produtos altamente rentáveis. O milho vão cultivá-lo nas machambas individuais para a subsistência familiar.

Na nossa visita à gigantesca macham-



O pedreiro de camisola branca junto a máquina de fabricar blocos ensina aos camponeses da Aldeia Comunal de ODINEPA a arte de transformar areia e cimento em blocos. Este trabalho decorre no leito seco do rio Lúrio



O camponês do lado direito da foto explica o que viu em MEJUCO aos camponeses que estavam destacados nos trabalhos da machamba em ODINEPA. desmobilizou toda uma reunião em MHULA quando se levantou para atacar as Aldeias Comunitais. Foi convidado pelo Administrador do Distrito a fazer uma visita as duas aldeias já existentes. Deste assunto referimo-nos no nosso último número.



ba da Aldeia de ODINEPA constata-
mos alguns factos que ainda causam
confusão a muita gente.

Podemos aqui analisá-los:

1.º Uma machamba colectiva não
tem, necessariamente, que ser aberta
à catana, enxada e machado. Em ODI-
NEPA meteu-se um «Caterpillar» alu-
gado que fez esse trabalho em menos
tempo, com mais rapidez e eficiência
que centenas de homens. A sensação
de ver um tractor a trabalhar para
eles mobiliza os camponeses que é
gente simples com sensibilidade para
tudo. Este aspecto registamo-lo porque
há muita gente que afirma que as Al-
deias Comuns são feitas com base
num trabalho manual obrigatório prin-
cipalmente aqueles que as combatem.

2.º A participação nos trabalhos de
uma machamba colectiva, a participa-

ção na construção de uma Aldeia Co-
munal não significa que a pessoa dei-
xa automaticamente de ter a sua ma-
chamba individual pela simples razão
de que a aldeia, porque em fase de
edificação, não pode velar pelo susten-
to dos camponeses. Paralelamente dá-
se preferência nas machambas comu-
nais aos produtos de rendimento tais
como o algodão, girassol e gergelim,
produtos que ou não são de consumo
ou necessitam de transformação fa-
bril para poderem ser consumidos
através dos seus subprodutos neste
caso o óleo.

Para que os trabalhos da aldeia não
parassem e para que em casa tivessem
o que comer os camponeses de ODI-
NEPA organizaram-se do seguinte mo-
do: nos dias da semana a mulher vai

tratar da machamba individual enquan-
to o homem participa nos trabalhos
da construção da Aldeia ou na ma-
chamba comunal. Aos fins de semana
suspendem-se os trabalhos colectivos e
todos os homens vão ajudar as mu-
lheres nas machambas familiares. Mais
uma vez a mulher moçambicana apoia
o seu companheiro ocupando um lu-
gar de rectaguarda estratégica e fun-
damental.

3.º Uma machamba comunal bem tra-
tada e em ano chuvoso se tiver pro-
dutos de rendimento permite uma ar-
rancada decisiva para a Aldeia Comu-
nal. Dissemos atrás que após os paga-
mentos ainda tiveram um excedente
de mais de trezentos contos.



Enquanto outros grupos de camponeses partiam pedrapara fazer brite, enquanto outros fabricavam blocos, en-
quanto outros transportavam areia, estes tratavam da machamba comunal. No ano passado produziu-se algo-
dão em fibra no valor de 371 275\$00, e girassol no valor de 70 960\$00. A machamba comunal tem mais de cem
hectares.



A população serve-se desta água para beber. Ela está numa valeta e permite adivinhar a existência de um grande lençol no subsolo. Devia ter sido feito um furo neste local. Mas os serviços contactados não o fizeram. Daqui resultou a transferência da aldeia para outro local distante da machamba.



Em primeiro plano e a esquerda vê-se o Administrador do Distrito do Erati ouvindo um camponês a explicar problemas da Aldeia de ODINEPA.

UMA MACHAMBA DISTANTE DA ALDEIA

A Aldeia Comunal de ODINEPA nasce com uma pequena deficiência. A

machamba comunal fica um pouco distante da aldeia. Isto aconteceu contra a vontade dos camponeses e contra a vontade do Administrador do distrito que é quem orienta os trabalhos. Jun-

to à machamba encontra-se um conjunto de colinas. Numa dessas colinas seria edificada a aldeia. É um local lindo, muito beneficiado pela natureza. Lá do alto vê-se a paisagem à volta incluindo a machamba. O problema que surgiu foi que nessa área há falta de água para beber. A única possibilidade de obter água seria a abertura de um furo junto a uma valeta que tem um lençol permanente e muito lamacento mas que deixa entender haver bastante água no subsolo. Pediu-se aos Serviços Hidráulicos que fizessem um estudo (que seria pago) para se ver da possibilidade de obter água junto à machamba. Esse estudo não foi feito, o tempo passou e o Governo Provincial deu instruções para que a aldeia fosse edificada noutro local. Foi escolhida uma área junto ao Rio Lúrio que, se resolve o problema da água, vem, por outro lado, levantar o problema da distância entre o centro habitacional e a machamba colectiva.

FAZENDO BLOCOS NO LEITO SECO DE UM RIO

Falhada a possibilidade de fazer a Aldeia Comunal de ODINEPA próximo da machamba comunal escolheu-se, como dissemos, outro local. Esse local

fica junto às margens do Rio Lúrio. A água da corrente fluvial serve para a construção de blocos bem assim as areias brancas da mesma.

Por isso encontramos um belo espectáculo na visita que efectuamos, espectáculo de ver homens a trabalhar na fabricação de blocos no leito seco do rio. Nesta época o Lúrio transforma-se num ribeiro com grandes extensões de areia fina e branca nos lados. Estavam assim organizados os camponeses: uns ajudavam um pedreiro e dele aprendiam a arte de fazer blocos; outros andavam junto dos sopés das colinas rochosas a partir pedra; outros transportavam areia do leito do rio para a área onde será levantada a aldeia; finalmente outros estavam a tratar da machamba, lim-

pando pequenas extensões onde o tractor não entrara. O pedreiro não tem vencimento. Ele é, desde já, membro da Aldeia Comunal e aplica o seu saber na edificação de uma cidade no campo. Logo que as primeiras habitações de alvenaria estiverem prontas, serão ocupadas por famílias da futura Aldeia Comunal de ODINEPA. Esta aldeia, bem assim a de MEJUCO de que falaremos adiante, recebeu um subsídio de mil contos do Governo do País em virtude do espírito de militância manifestado pelos camponeses, em virtude do seu elevado grau de engajamento, em virtude dos resultados espectaculares obtidos na última campanha agrícola. É do dinheiro desse subsídio que vem o cimento com que se fabricam os blocos, com que se re-

bocarão as moradias. Todo o demais trabalho é feito voluntariamente pelos camponeses e a máquina de moldar blocos foi emprestada pela aldeia de MEJUCO.

Entrou-se numa nova fase no campo da Aldeias Comunais, na marcha da revolução moçambicana.

Acreditamos que antes de consumirem a totalidade dos mil contos, estes camponeses obterão com as suas colheitas meios financeiros próprios e poderão dispensar de futuro qualquer subsídio. As Aldeias Comunais não nascem apenas como institucionalização de uma ordem revolucionária. Elas nascem também como grandes potências económicas.

ALDEIA COMUNAL DE MEJUCO UMA ALDEIA PILOTO

Esta é a Aldeia Comunal que inspira os camponeses de ODINEPA. Esta é a Aldeia Comunal piloto de todas as aldeias da Província de Nampula. Dizer MEJUCO é falar de um trabalho organizado, de uma

produção organizada, de um projecto tornado realidade e que ultrapassou as perspectivas mais optimistas.



TRABALHO colectivo, trabalho organizado. Preparação de cimento para aplicação imediata.

A Aldeia Comunal de MEJUCO fica a 50 quilómetros de Namapa, sede distrital do Eráti. Da pequena vila de Alua, junto à Estrada Centro-Nordeste vira-se para o poente e assim se percorrem 25 quilómetros de picada. Chegamos ao local onde se está a edificar a Aldeia Comunal ao fim da tarde. Carpinteiros, pedreiros e camponeses de mãos dadas estavam entregues aos trabalhos da construção dos suportes do telhado de uma casa de alvenaria. Essa casa faz parte de um grupo de cinco já demarcadas. Pelo ritmo com que decorriam os trabalhos esta nossa informação está, neste momento ultrapassada. As cinco casas em acabamento devem estar já prontas, as outras cinco demarcadas já devem ter as paredes levantadas.

Como apareceu a Aldeia Comunal de MEJUCO?

DA MACHAMBA COLECTIVA A ALDEIA COMUNAL

Tudo começou com uma machamba colectiva na campanha de 1975/1976. Essa machamba tinha 160 hectares e nela colheu-se milho no valor de 60 contos (apesar da baixa cotação). As vendas da produção agrícola perfize-



Cinco casas em alvenaria já estão em avançado estado de edificação na Aldeia Comunal de MEJUCO. As fotos em friso documentam esse facto. Os pedreiros pertencem a outras localidades e ofereceram-se para trabalhar gratuitamente recebendo dos camponeses apenas a alimentação. Estas casas têm de dimensão 7x8,8 metros e cada uma dispõe de um quintal com 25x40 metros que será construído numa terceira fase. A fase presente é a primeira. Na segunda fase será feita a casa de banho pois o plano por enquanto é para a utilização de latrinas. As casas têm três quartos, uma sala comum e uma varanda enfeitada com grelhas que são fabricadas localmente pelos camponeses.

ram 800 contos e foram constituídas por algodão, girassol e mais os sessenta mil escudos de milho. Depois de pagas as sementes e o aluguer do tractor (o mesmo processo descrito atrás para a Aldeia de ODINEPA) sobraram 480 contos.

Hoje a Aldeia de MEJUCO é autónoma em relação ao tractor. Os camponeses compraram uma própria máquina, uma charrua e uma grade. Boa notícia para os operários da MENDOL em Maputo: a grade do tractor dos camponeses de MEJUCO foi por eles fabricada. Quando visitamos a machamba comunal encontramos o tractor a gradar o terreno. A sua área foi aumentada em mais de 1/4. Os dois tractoristas que procediam à preparação da terra pertenciam à Aldeia Comunal e pelo seu trabalho não recebem nenhum vencimento. Mas não são eles os únicos que tendo uma profissão trabalham gratuitamente para os camponeses, integrados na sua comunidade. Os pedreiros que edificam as casas, bem assim os carpinteiros vieram de outras regiões do distrito, trabalham voluntariamente e dos camponeses apenas recebem a alimentação.

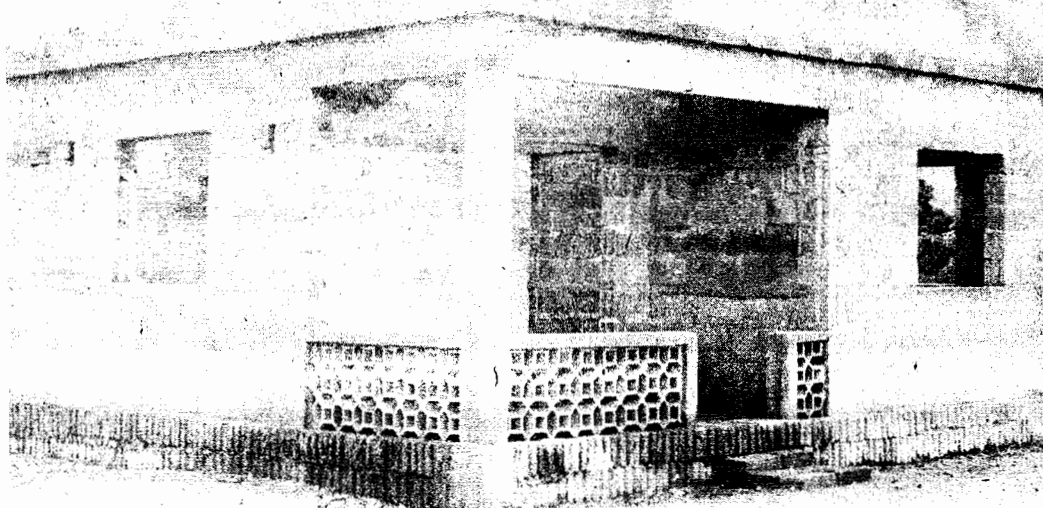
As quatro horas da madrugada, disse-nos o Administrador distrital, é possível encontrar pessoas a trabalhar, quer na construção de casas, quer na fabricação de blocos. Ninguém obriga a comunidade de MEJUCO a proceder dessa maneira. Ela sente que está a trabalhar para si, sabe que vai beneficiar do seu trabalho e por isso dá toda a força que tem.

UMA LOJA COMUNAL BEM ABASTECIDA

A Aldeia de MEJUCO tem uma loja comunal criada com base nos rendimentos obtidos da última campanha

agrícola. Começou com mais de vinte contos em mercadoria nomeadamente sal, açúcar, sabão, tecidos, leite, etc.. Os preços que pratica são mais baixos que os preços praticados pelo comércio particular porque, em princípio,





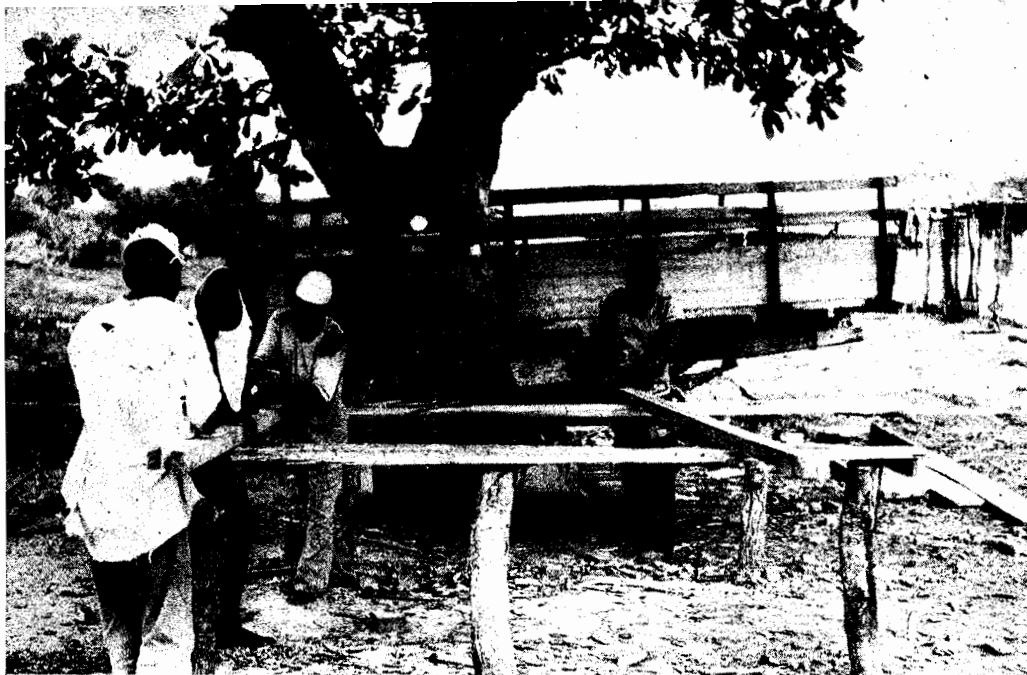
não tem uma intensão lucrativa. Por lamentável desencontro no dia em que visitámos a aldeia os responsáveis da loja não se encontravam lá. Tíham sido convocados pelo Governador Provincial com o fim de se discutir o aumento da mercadoria em mais trezentos contos. Por isso estavam em Nam-pula. Esta foi a razão porque encontramos a loja fechada. Talvez valha a pena dizer que nem o Administrador

do distrito tinha uma chave duplicada que lhe permitisse abrir as portas para vermos tudo mais de perto. Mas como a nossa curiosidade era muita, espreitamos pelas janelas através das redes mosquiteiras uma vez que as janelas de madeira estavam abertas. E podemos garantir que vimos o que tínhamos a ver: o asseio, a quantidade da mercadoria nas prateleiras, etc. Foi durante esta tentativa de violar

com os olhos que numa das salas do estabelecimento (dantes era cantina e residência de um comerciante) depa-ramos com um jornal do povo, aliás um JORNAL DE BRIGADA. Esse jornal foi feito pelos estudantes universitários durante as últimas jornadas de Julho. Para além das frases de conteúdo político mobilizador estava também no jornal da brigada o horário de todas as actividades diárias dos es-



Em cima e ao lado: Duas das grandes conquistas dos camponeses da Aldeia Comunal de MEJUCO. Uma loja comunal que começou com mais de cento e vinte contos em mercadoria e que posteriormete foi aumentada em mais trezentos contos. Esta loja vende mais barato que o comércio particular. O tractor pertence a aldeia e foi comprado com o produto da última campanha. A Machamba Comunal é um colosso. No ano passado tinha 160 hectares mas foi aumentada em mais de 1/4. A grade foi construída pelos operários da «MENDOL»



Os carpinteiros, tal como os pedreiros, colaboram gratuitamente com os camponeses. A foto mostra uma parte das cinco casas já demarcadas. Até aos meados de Abril a Aldeia de Mejuco terá dez casas prontas e com outro grupo de dez já em andamento.

Decisão lógica para camponeses que já têm seu próprio tractor, sua própria charrua, sua própria grade e combustível. O tractor que tinha sido alugado aos Serviços de Agricultura está lá à espera que o vão buscar.

Na presente campanha, como em ODINEPA, os camponeses não querem cultivar milho na machamba comunal. Eles pretendem trabalhar apenas em algodão, girassol, gergelim e em pequenas extensões, arroz e amendoim para consumo. Esta machamba é qualquer coisa de gigantesco e perde-se de vista. Como em ODINEPA as mulheres apoiam os homens continuando as machambas familiares e estes nos fins de semana vão prestar auxílio às suas companheiras. Não se pára em MEJUCO. Só em blocos para as habitações fabricam-se 400 por dia.

O Vice-Presidente da FRELIMO visitou, tempos atrás esta aldeia. Dessa visita, e pelas mesmas razões que explicamos quando falamos de ODINEPA, nasceu um subsídio de mil contos para MEJUCO. Este nome entrou na nossa História. MEJUCO é uma vitória para a Revolução moçambicana.

TRANSFORMANDO O HOMEM TRANSFORMANDO A NATUREZA

Que existia onde está a ser edificada a Aldeia Comunal de MEJUCO? Nada.



Não fim dos trabalhos todos entram no atrelado do tractor que os leva para irem repousar.

tudantes. Feliz acaso que nos fez acrescentar à aliança entre operários e camponeses que vimos no local da construção de casas a aliança entre o trabalhador intelectual e o campesinato. A sala onde estávamos serviu de dormitório aos jovens universitários. E compreendemos melhor o significado das actividades de Julho. MEJUCO não fica assim tão próxima da cidade de Nampula. Está a 240 quilómetros de

distância, num meio rural bastante pobre onde devido às dificuldades de transporte quando se pensa, como pensamos no local, que Moçambique tem «Boeings» não se acredita.

A PRÓXIMA CAMPANHA

A próxima campanha agrícola ren-terá ainda mais que a campanha de 1975/1976. A machamba foi aumentada.

Apenas mata. Que existia onde hoje se encontra a colossal machamba comunal? Nada. Apenas mata. Que existia onde neste momento está formada uma lagoa de cuja água a população se serve? Nada, apenas dois fios de

água descida das montanhas. Construiu-se uma pequena barragem e a lagoa formou-se. São os tais milagres que o homem faz. São os tais milagres que a união dos homens consegue. São os tais milagres que os cam-

poneses transformam em seu dia a dia. De outros falaremos.

Transformando a natureza transforma-se o homem neste caso uma comunidade de camponeses pobres. Eles fazem agora aquilo que nunca tinham sonhado. Transformando-se eles, transformam tudo o que os cerca. Esta a grande lição de MEJUCO que inspirou toda a Província de Nampula. Na última colheita durante um sábado e um domingo, os camponeses desta aldeia e os camponeses de ODINEPA trabalharam lado a lado com todos os quadros administrativos e políticos da Província. Que se passara? O Governo Provincial ordenara a esses quadros que fossem ver o trabalho destas duas aldeias. ODINEPA inspirou-se em MEJUCO. MEJUCO inspirou uma Província. É um exemplo para a Nação, diria o Vice-Presidente da FRELIMO na visita que efectuou.



Até as crianças ajudam a tirar a areia para construção de blocos e para as misturas com cimento. Os camponeses fabricam 400 blocos por dia em MEJUCO.